

LIÇÃO 1 - Os Tipos de Unidade e o Significado Comum de Unidade

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 1: 1052a 15-1052b 19

“ 814. Foi apontado antes (423), onde distinguimos os diferentes significados dos termos, que o termo *um* é usado em muitos sentidos. Mas, embora isso seja verdade, há quatro sentidos principais pelos quais se diz que as coisas são uma *primária* e *essencialmente*, e não *acidentalmente*. Pois diz-se que é um aquilo que é *contínuo*, seja em sentido absoluto, seja no sentido mais pleno por natureza e não por contato ou por ligação. E destes, é um em maior grau e antes de tudo aquilo cujo movimento é mais *indivisível* e mais *simples* (415).

815. E não apenas aquilo que é assim se diz um, mas também, e em maior grau, aquilo que é um *todo* e tem alguma forma ou princípio especificador; e uma coisa é um no mais alto grau se o é por natureza e não por força (como aquelas coisas que estão unidas por cola, por um prego ou por estarem amarradas) e tem em si mesma a causa de sua própria continuidade.

816. E uma coisa é assim porque seu movimento é um e *indivisível* quanto ao lugar e ao tempo; de modo que, se uma coisa tem por natureza um primeiro princípio do tipo primário de movimento — quero dizer, o movimento circular — é evidente que ela é uma *grandeza contínua primária*. Algumas coisas são um, então, no sentido de que são *contínuas* ou *um todo*.

817. E outras coisas são um se sua estrutura inteligível é uma; e tais são aquelas cujo conceito é um, isto é, cujo conceito é *indivisível*; e é *indivisível* se a coisa é *indivisível especificamente* ou *numericamente*. Ora, o que é *numericamente indivisível* é a coisa singular, e o que é *especificamente indivisível* é o que é *cognoscível* e é o objeto do conhecimento científico. Portanto, tudo o que causa a unidade das substâncias deve ser um no sentido primário.

818. O termo *um*, então, é usado de todas essas coisas, a saber, do que é contínuo por natureza, de um todo, da coisa singular e do universal. E todos esses são *um* porque são indivisíveis. E alguns são indivisíveis no movimento, e outros em seu conceito ou estrutura inteligível.

819. Ora, deve-se ter em mente que as questões sobre que tipo de coisas são *um*, e qual é a essência da unidade, e qual é sua estrutura inteligível, não devem ser consideradas as mesmas; pois o termo *um* é usado nesses vários sentidos, e cada uma das coisas às quais se aplica algum desses sentidos será *um*. Mas a essência da unidade se aplicará ora a um desses sentidos, ora a algo diferente (819), que está mais próximo do significado da palavra; mas os outros são potencialmente *um*. Isso é semelhante ao que se encontra em relação a elemento e causa para quem tem que designá-los nas coisas e definir termos. Pois, em certo sentido, o fogo é um elemento (e talvez isso seja verdade do próprio indeterminado ou de algo desse tipo), e em certo sentido não é; pois a essência do fogo e a de um elemento não são as mesmas, mas o fogo é um elemento na medida em que é uma coisa e uma natureza. Mas o termo significa algo que *lhe* é accidental, a saber, que algo é composto dele como constituinte primário. O mesmo também é verdadeiro de causa e *um* e de todos os termos semelhantes. Portanto, a essência da unidade consiste em ser indivisível, i.e., em ser uma coisa individual, e em ser inseparável [i.e., não separada de si mesma] seja quanto ao lugar, seja quanto à forma, seja quanto ao pensamento, ou em ser um todo e algo determinado.

COMENTÁRIO

Tipos de um

1920. Acima, no Livro IV desta obra, o Filósofo mostrou (548) que esta ciência tem por sujeito o ente e o tipo de unidade que é intercambiável com o ente. Portanto, tendo tirado suas conclusões sobre o ente accidental (1172) e sobre o tipo de ente que significa a verdade de uma proposição, o que faz no Livro VI (1223), e sobre o ente essencial como dividido nas dez categorias, o que faz nos Livros VII (1245) e VIII (1681), e como dividido em potência e ato, o que faz no Livro IX (1768), seu objetivo neste décimo livro é resolver a questão sobre a unidade e os atributos que naturalmente a acompanham. Isso se divide em duas partes. Na primeira (1920), ele estabelece o que é verdadeiro sobre a unidade em si mesma; e na segunda (1983), ele considera a unidade em relação à pluralidade.

A primeira parte se divide em dois membros. No primeiro, ele explica os diferentes sentidos em que o termo *um* é usado. No segundo (1937), ele estabelece uma propriedade da unidade.

A primeira parte se divide em três membros. No primeiro, ele estabelece os diferentes sentidos em que o termo *um* é usado. No segundo (1932), ele reduz todos esses a um significado comum. No terceiro (1933), ele explica as diferentes maneiras como o termo *um* é usado das coisas das quais é predicado.

Quanto ao primeiro, ele faz três coisas. Primeiro, ele apresenta dois sentidos em que o termo "um" é usado. Segundo (1927), expõe a noção de unidade contida nesses dois sentidos. Terceiro (1929), ele dá outros dois sentidos do termo "um".

1921. Ao tratar do primeiro membro desta divisão, ele dá, primeiro, os sentidos primários em que o termo "um" é usado. Ele diz que explicou no Livro V (749) os diferentes significados dos termos que pertencem ao estudo desta ciência; pois foi apontado ali (842) que o termo "um" é usado em muitos sentidos. E embora isso seja verdade, há quatro sentidos principais em que é empregado. Mas falemos daqueles sentidos em que o termo "um" é usado primária e essencialmente, e não acidentalmente; pois o que é acidentalmente um tem modos diferentes próprios.

1922. (1) Ora, um dos sentidos em que as coisas são ditas essencialmente uma é aquele em que o contínuo é dito um; e isso pode ser tomado de duas maneiras: ou (a) o contínuo em geral (isto é, qualquer coisa contínua de qualquer modo) é chamado de um; ou apenas o contínuo (b) por natureza é chamado de um por continuidade. E este último é o que é contínuo no sentido mais pleno do termo, e não o que é contínuo por força ou por arte ou por qualquer tipo de contato (como é evidente no caso de pedaços de madeira), ou por qualquer tipo de continuidade (como é evidente no caso de coisas que são contínuas ou mantidas juntas por um prego ou qualquer outro vínculo).

1923. E a expressão "contínuo por natureza" designa duas coisas: o que é um todo (+) uniforme, como uma linha reta ou mesmo uma circular, e o que não é um todo (~) uniforme, como duas linhas que constituem o ângulo em que estão conectadas.

E destas, as linhas que são ditas retas e as que são ditas circulares são um em maior grau do que aquelas que formam um ângulo, e são um anteriormente. Pois uma linha reta deve ter um movimento, já que uma parte não pode ser movida e outra em repouso, ou uma ser movida de um modo e outra de outro; mas o todo deve ser movido simultaneamente e por um movimento. O mesmo vale para uma linha circular.

1924. Mas isso não se aplica a duas quantidades contínuas que formam um ângulo; pois podemos imaginar que uma linha está em repouso e a outra é movida em direção a ela para formar um ângulo menor, ou que é afastada dela para formar um ângulo maior, ou mesmo que ambas as linhas são movidas em direções opostas. Daí ele diz que uma quantidade contínua cujo movimento é mais indivisível e mais simples é um em maior grau.

1925. E não apenas (815).

(2) Em seguida, ele dá um segundo sentido em que as coisas são ditas essencialmente uma; e aqui devemos considerar que aquilo "que é tal", i.e., contínuo, não é apenas dito ser um, mas também tem algo mais; i.e., é um todo tendo alguma forma ou princípio especificador, assim como um animal é um, e uma superfície triangular é uma. Portanto, este sentido de "um" acrescenta à unidade de continuidade o tipo de unidade que vem da forma pela qual uma coisa é um todo e tem uma espécie.

1926. E já que uma coisa é um todo por natureza e outra por arte, ele acrescentou que "uma coisa é um no mais alto grau" se é tal por natureza e não por força. Por exemplo, todas aquelas coisas

que são unidas por cola ou por algum vínculo semelhante para se tornarem um todo são unidas por força. Mas o que quer que seja unido por natureza é um no mais alto grau, porque é claramente a causa de sua própria continuidade; pois é tal por sua própria natureza.

1927. E uma coisa é tal (816).

Em seguida, ele esclarece o significado da unidade contida nesses dois sentidos do termo "um". Ele diz que uma coisa é tal, i.e., contínua e uma, porque seu movimento é um e indivisível tanto quanto ao lugar quanto ao tempo; quanto ao lugar, porque para onde quer que uma parte de uma coisa contínua seja movida, outra parte também é movida; e quanto ao tempo, porque quando uma parte é movida, outra também é movida.

1928. Portanto, se uma coisa que é contínua e um todo por natureza é dita ser uma porque seu movimento é um, então é evidente que, se algo contínuo e todo tem dentro de si um princípio do tipo primário de movimento, este será o tipo primário de um no domínio da quantidade contínua; por exemplo, de todos os movimentos, o tipo primário é o movimento local, e dos movimentos locais, o tipo primário é o movimento circular, como é provado no Livro VIII da *Física*. E dos corpos que são movidos por movimento circular, há um que contém o princípio de tal movimento, i.e., o corpo que é movido circularmente e causa o movimento circular de outros corpos por um movimento diário. É evidente, então, que este é o único primário quantidade contínua que contém o primeiro princípio do tipo primário de movimento.

Portanto, dois sentidos do termo "um" são evidentes, a saber, aquele em que o contínuo é chamado de um, e aquele em que um todo é chamado de um.

1929. E outras coisas (817).

Em seguida, ele dá as outras maneiras pelas quais as coisas são ditas ser uma. Ele diz que certas outras coisas são ditas ser uma, não porque seu movimento é um, mas porque sua estrutura inteligível é uma. E as coisas deste tipo cujo conceito é um são aquelas que são apreendidas por um único ato intelectual. E tais coisas que são ditas ser apreendidas por um único ato intelectual são aquelas das quais há uma única apreensão de uma coisa inteligível que não admite divisão.

1930. Isto pode ocorrer por duas razões: (3) porque o objeto indiviso apreendido é especificamente um, ou (4) porque é numericamente um.

Ora, o que é numericamente indiviso é a própria coisa singular, que não pode ser predicada de muitas coisas; e o que é especificamente um é indiviso por ser um único objeto de conhecimento e de contato.

Pois em coisas singulares distintas não há uma natureza numericamente uma que possa ser chamada de espécie, mas o intelecto apreende como uma aquele atributo no qual todos os singulares concordam. Portanto, a espécie, que é distinta em indivíduos distintos na realidade, torna-se indivisa quando apreendida pelo intelecto.

1931. E, uma vez que a substância é anterior em inteligibilidade a todos os outros gêneros, e o termo "um" é usado nesses sentidos por ter um significado, segue-se que o tipo primário de "um"

nesses sentidos é o que é um na substância, isto é, o que faz a substância ser uma, assim como nos dois primeiros sentidos o tipo primário de "um" era a quantidade contínua que é movida circularmente.

1932. O termo "um" (818).

Aqui ele reduz os sentidos de "um" dados acima a um único significado, resumindo o que disse acima. Ele diz que o termo "um" é usado para quatro coisas: primeiro, (1) para o que é contínuo por natureza; segundo, (2) para um todo; terceiro, (3) para uma coisa singular; e quarto, (4) para o universal, por exemplo, uma espécie.

E todas essas são ditas umas por causa de um aspecto comum, a saber, ser indivisível; pois, propriamente falando, um uno é um ser indiviso.

Mas o termo "um" é usado nos dois primeiros sentidos porque um movimento é indiviso, e nos dois últimos sentidos porque uma estrutura inteligível ou conceito é indiviso, na medida em que a apreensão de uma coisa particular também está incluída nisso.

1933. Aqui ele mostra como o termo "um" é predicado das coisas que são ditas umas. Ele diz que deve-se ter em mente que o termo "um" não deve ser tomado como significando a mesma coisa quando uma coisa é dita uma e quando alguém expressa a essência da unidade, que é sua estrutura inteligível; assim como a madeira também não é dita branca no sentido de que a brancura é a essência da madeira, mas no sentido de que é um acidente dela.

1934. Em seguida, ele dá a seguinte explicação de uma afirmação que havia feito, dizendo que, como o termo "um" é usado em muitos sentidos (como foi dito), uma coisa é dita uma porque algum desses sentidos se aplica a ela, i.e., contínuo, todo, espécie ou coisa singular. Mas a essência da unidade às vezes se aplica a algo que é uno em algum dos sentidos anteriores, como quando digo que o que é uno em continuidade é um (e o mesmo vale para os outros); e às vezes é atribuída a algo que está mais próximo da natureza do uno, por exemplo, o que é indiviso, mas contém dentro de si potencialmente os sentidos de "um" dados acima; porque o que é indiviso quanto ao movimento é contínuo e todo, e o que é indiviso no significado é singular ou universal.

1935. Ele acrescenta a isso o exemplo dos elementos e causas, vistos no problema de identificá-los nas coisas, como quando dizemos que tal e tal coisa é um elemento ou causa, definindo o termo; por exemplo, dizemos que aquilo é uma causa que tem a essência de uma causa. E dessa forma dizemos que o fogo é um elemento ou "o indeterminado em si", i.e., o que é ilimitado em si mesmo (que os pitagóricos postularam como uma entidade separada e o elemento de todas as coisas), ou qualquer outra coisa desse tipo, por qualquer razão que possa ser chamada de elemento. Mas, em certo sentido, o fogo não é um elemento, e nem o indeterminado; pois o fogo não constitui a essência de um elemento, porque a noção de fogo não é a mesma que a de um elemento. No entanto, ele é um elemento como existente na realidade ou no mundo natural. Mas quando o termo "elemento" é predicado do fogo, significa que algo "se tornou accidental ao fogo", i.e., que o fogo é aquilo de que algo é composto como constituinte primário, e esta é a nota formal de um elemento. Ele diz "constituinte" para excluir privações.

1936. O que foi dito sobre um elemento também se aplica à causa e ao uno e a todos os termos semelhantes; porque as coisas das quais são predicados não são as próprias coisas que os termos significam; por exemplo, homem branco não é a própria coisa que o termo "branco" significa, pois "branco" significa uma qualidade.

Portanto, a essência da unidade consiste em ser indiviso, i.e., em ser uma coisa individual; e isso é próprio de uma coisa que é inseparável quanto ao lugar ou à forma ou de qualquer outra maneira que seja inseparável.

Revision #2

Created 17 September 2026 23:38:30 by Admin

Updated 17 September 2026 23:52:23 by Admin